

Cinematerapia e uso de filme na psicoterapia infantil

Cinematherapy and the use of film in child psychotherapy

Marcos Rodrigo de Araújo Coelho
Daniela Ponciano Oliveira
Andressa Saraiva Castilho
Robenilson Moura Barreto

Resumo

A psicoterapia infantil, voltada para questões emocionais, comportamentais e sociais no desenvolvimento das crianças, tem visto um aumento significativo na utilização de abordagens criativas, como por exemplo o uso de filmes. Diante disso, este artigo tem como objetivo compreender a possibilidade do uso da cinematerapia na psicoterapia infantil. Para tanto, foi realizada uma revisão narrativa de literatura. Como resultado, aponta-se que a cinematerapia se destaca pela sua capacidade de evocar emoções e estimular a empatia através de narrativas cinematográficas. O artigo também discute várias formas de aplicação, como a análise de filmes, discussões em grupo, identificação com personagens e expressão criativa, todas adaptáveis às necessidades individuais das crianças. A seleção cuidadosa de filmes é importante, devendo ser apropriada para a idade e desenvolvimento das crianças e alinhada com os objetivos terapêuticos. A cinematerapia, embora não substitua as abordagens terapêuticas tradicionais, pode enriquecer a prática clínica infantil, facilitando a expressão emocional e o autoconhecimento. Conclui-se que a cinematerapia é uma ferramenta complementar valiosa na psicoterapia infantil, e estudos futuros são recomendados para explorar mais profundamente seu uso e eficácia na prática clínica com crianças.

Palavras-chave: Cinematerapia; Filmes; Psicoterapia; Crianças; Lúdico.

Abstract

Child psychotherapy, focused on emotional, behavioral and social issues in children's development, has seen a significant increase in the use of creative approaches, such as the use of films. Therefore, this article aims to understand the possibility of using cinema therapy in child psychotherapy. To this end, a narrative literature review was carried out. As a result, it is pointed out that cinematherapy stands out for its ability to evoke emotions and stimulate empathy through cinematic narratives. The article also discusses various forms of application, such as film analysis, group discussions, character identification and creative expression, all adaptable to children's individual needs. Careful selection of films is important and must be appropriate for the children's age and development and aligned with therapeutic goals. Cinema therapy, although it does not replace traditional therapeutic approaches, can enrich children's clinical practice, facilitating emotional expression and self-knowledge. It is concluded that cinematherapy is a valuable complementary tool in child psychotherapy, and future studies are recommended to further explore its use and effectiveness in clinical practice with children.

Keywords: *Cinematherapy; Films; Psychotherapy; Children; Ludic.*

Introdução

A psicoterapia infantil é uma modalidade de atendimento psicológico destinado ao público infanto-juvenil e tem por intuito abordar questões emocionais, comportamentais e sociais do desenvolvimento infantil. Compreende-se nesse processo terapêutico a importância da presença dos responsáveis e órgãos vigentes, como a escola (Brito et al. 2020). Esses autores expõem que há um aumento significativo no número de encaminhamentos ao serviço de saúde para atendimentos psicológicos com crianças. Com isso, destaca-se a relevância em promover diálogos sobre a psicoterapia infantil e a importância de abordagens criativas e diversas para com esse público.

Nesse viés, em seus escritos, Winnicott (1975) traz a ideia do ser criativo como algo necessários para o viver saudável e para a descoberta do verdadeiro *self*. Para o autor, por meio do brincar, o indivíduo pode se descobrir e se apropriar de sua verdadeira identidade. De acordo com Klinger et al. (2020) por meio do uso do lúdico no processo terapêutico é possível verificar um avanço no desenvolvimento da criança, no uso da imaginação, da criatividade e do simbolismo durante as brincadeiras.

Desta forma, dentre as diversas abordagens utilizadas no processo psicoterapêutico com crianças, Lima et al. (2020) propõe a utilização do cinema como recurso acessível e preciso para trabalhar aspectos emocionais na infância. Nesse sentido, a cinematerapia é uma abordagem terapêutica que utiliza filmes e intervenções relacionadas a temática vigente como uma ferramenta para promover a reflexão, a discussão e a exploração de questões emocionais e psicológicas.

Ao traçar a criatividade por meio do cinema é possível compreender os conflitos pertinentes às relações sociais, comunicação e a interação com o meio, ou seja, as cenas das grandes telas permitem envolver a psicologia por meio da teoria psicanalítica com a arte, e assim, desenvolver importantes funções. Bonança (2009, p. 101) cita em seu trabalho que “um drama apresentado na obra de ficção, a partir da teoria psicanalítica, possibilita uma reflexão sobre a desordem contemporânea.”

Dunker e Rodrigues (2015) em uma de suas coleções que retrata “cinema e psicanálise” dão ênfase nos aspectos polissêmicos dos filmes, abordando o duplo sentido entre as crianças e adultos em um mesmo filme, justificado pela compreensão que se pode fazer mais de uma leitura e ter variáveis entendimento para as diversas fases da vida de um único conteúdo cinematográfico.

Ademais, devido ao aumento crescente das demandas infantis, como citado, além do reconhecimento da relevância em produção científica sobre a temática, justifica-se a escolha dessa temática por entender que o uso da cinematerapia no campo da psicoterapia é importante, especialmente com o público infanto-juvenil. Desse modo, a questão problema desse estudo foi: como a cinematerapia pode auxiliar como recurso em psicoterapia infantil?

Para isso, este estudo teve como objetivo compreender a possibilidade do uso da cinematerapia na psicoterapia infantil. Para esse fim, foi realizada uma revisão narrativa de literatura.

Psicoterapia infantil: aspectos gerais

Historicamente, a psicoterapia infantil já vem sendo analisada e estudada há muito tempo. Os trabalhos iniciais foram desenvolvidos por Anna Freud, Melanie Klein e com contribuições valiosas de Winnicott, assim por diante, essa área vem passando por diversas transformações teórico e prática (Ferraz; Pacheco, 2021).

Para além das categorias diagnósticas, de modo geral, a psicoterapia visa promover a compreensão e a exploração das emoções, pensamentos e comportamentos do paciente, de modo a aumentar a consciência sobre si mesmo, permitindo a identificação e a compreensão de padrões de pensamento e comportamento (Ramires et al. 2019).

A infância é uma fase do desenvolvimento humano que compreende o período entre o nascimento e a adolescência. Embora os limites exatos possam variar culturalmente e em diferentes campos de estudo, a infância geralmente é dividida em estágios, incluindo a primeira infância (0 a 2 anos), a segunda infância (3 a 6 anos) e a terceira infância (7 a 11 anos). Nos termos psicológicos, a infância é um período que requer um cuidado e zelo familiar, social e jurídico. Por conta disso, é necessário que se compreenda os anseios e desafios das crianças (Silva; Reis, 2017; Pereira et al. 2020).

Tantos os pais e/ou responsáveis como os profissionais que trabalham com a psicoterapia na infância, precisam estarem atualizados em relação aos marcos do desenvolvimento, com o propósito de compreenderem as necessidades de cada fase. Entende-se que não é apenas o adulto que vivencia situações conflituosas, a criança em seu pleno desenvolvimento pode passar por experiências complexas para sua faixa etária, causando, desta forma, sofrimento mental e conseqüentemente comportamentos contraditórios em casa e na escola (Deluca et al. 2018).

Frente às diversas problemáticas infantis, a intervenção psicológica se torna essencial. É nesse cenário que se adentra a psicoterapia infantil. Contudo, lidar com as expectativas dos pais/responsáveis se torna desafiador nesse processo terapêutico, pois projetam seus desejos e anseios nas crianças, privando os mesmos das experiências a serem vividas em sua fase do desenvolvimento (Brito et al. 2020).

Nesse viés, a psicoterapia infantil visa auxiliar a criança e os pais e/ou cuidadores, quando algo não está bem no desenvolvimento emocional ou social da criança, explorando seus potenciais e ajudando no autoconhecimento e expressão de suas emoções para que assim a criança possa compreendê-las. Cabe lembrar que a colaboração entre o psicoterapeuta e famílias é essencial para o andamento da terapia com a criança. Portanto, é importante que o profissional comunique claramente com os pais, incentivem sua participação ativa e forneçam orientações práticas para apoiar o desenvolvimento emocional e comportamental da criança em casa (Silva; Reis, 2017).

De acordo com Ramires et al. (2019) a terapia infantil beneficia-se da compreensão do contexto familiar. Corroborando, Silva e Reis (2017) compreende que a participação dos pais no processo terapêutico da criança, se torna indispensável, visto que o comportamento da criança são reflexos da dinâmica familiar. Deste modo, ao trabalhar em conjunto com o terapeuta, os pais podem ajudar a identificar desafios específicos e elaborar estratégias de mudança para hábitos indesejados.

No que tange aos profissionais, Pereira et al. (2020) acentua que os terapeutas infantis devem construir uma relação de confiança com a criança para facilitar a

comunicação. No entanto, também é importante que os terapeutas estejam cientes de questões éticas, especialmente quando se trata de confidencialidade, e comuniquem-se adequadamente com os pais sobre o progresso da criança.

Em relação a evolução do processo terapêutico da criança, Ferraz e Pacheco (2021) estabelecem uma divisão por fases, a fase inicial como um vínculo aliado pelo psicoterapeuta, criança e família. Nessa fase, as autoras citam a “hora do jogo diagnóstica” que é englobada por recursos lúdicos, disponíveis de uma caixa lúdica, o qual é representado pelo mundo interno da criança ou adolescente. Os aspectos trabalhados e encontrados nesse momento, são relevantes para a fase seguinte.

A fase seguinte, é compreendida como a intermediária, onde tem o objetivo de analisar, explorar e elaborar os conflitos internos do paciente. Esse momento é destinado a criança e o terapeuta, dispendo de interpretações e técnicas para facilitação do processo terapêutico da criança. Entende-se essa fase como fundamental, pois conteúdos de grande valia podem surgir com amplos significados para terapia (Ferraz; Pacheco, 2021).

Já na fase final, esta é entendida quando partes dos conflitos internos do indivíduo analisado são desenvolvidas. Contudo, para que haja esse momento, tem-se a realização de combinados tanto com a família quando com a criança. Elaborar despedidas em psicoterapia tem sua importância, devido o vínculo estabelecido em sessões. A quebra desse vínculo de forma inadequada pode desencadear sentimentos de solidão e de ansiedade (Ferraz; Pacheco, 2021).

Por fim, vale frisar que existem diversas abordagens terapêuticas que podem ser usadas na psicoterapia infantil, incluindo a psicanálise, terapia cognitivo-comportamental, arteterapia, terapia familiar, terapia centrada na criança, dentre outros. Assim como também existe diversas técnicas e recursos que podem ser utilizados. A escolha da abordagem e dos recursos dependerá das necessidades específicas da criança e da natureza dos desafios que ela enfrenta. Para esse estudo, analisa-se a cinematerapia, como recurso que pode ser utilizado na psicoterapia com crianças.

Cinematerapia

A cinematerapia é uma abordagem terapêutica que a cinematografia. O processo de assistir a filmes com esse intuito é vista como uma ferramenta para promover a reflexão, a discussão e a exploração de questões emocionais e psicológicas. Essa forma de terapia reconhece o potencial do cinema para evocar emoções, estimular a empatia e oferecer perspectivas sobre a vida e os relacionamentos (Correia; Barbosa, 2018).

Em um conceito mais objetivo, Smieszek (2019) concebe a cinematerapia como uma técnica terapêutica, onde o terapeuta seleciona filmes na intenção de serem abordados pelos pacientes, individualmente ou de forma grupal. Ao final, podendo ser realizadas intervenções educativas ou terapêuticas para trabalhar questões pessoais emocionais de cada indivíduo.

Historicamente, embora não tenha um "surgimento" específico em termos de uma data ou evento único, a cinematerapia pode ser entendida como uma evolução natural das abordagens terapêuticas que incorporam elementos culturais, simbólicos e expressivos. A ideia de usar a arte, incluindo filmes, como uma ferramenta terapêutica

tem raízes em várias tradições terapêuticas e movimentos culturais. No início do século 20, terapeutas começaram a reconhecer o valor terapêutico da criação artística, e essa abordagem eventualmente se expandiu para incluir diferentes formas de arte, como a cinematografia (Olivia; Vianna; Lotufo Neto, 2018).

Nesse contexto, considerando o uso dos recursos cinematográficos, a cinematerapia pode ser realizada de diversas maneiras, tais como:

Quadro 1 – Formas de uso da cinematerapia

FORMA DE REALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO
Análise de Filmes	O terapeuta pode recomendar filmes específicos com base nas questões que o cliente está enfrentando. Após assistir ao filme, o terapeuta e o cliente podem discutir as emoções, pensamentos e insights que surgiram durante a experiência.
Discussões em Grupo	Grupos terapêuticos podem assistir a filmes juntos e, em seguida, participar de discussões em grupo, para que os participantes compartilhem suas interpretações pessoais e experiências relacionadas ao filme.
Narrativas e Identificação	Filmes muitas vezes contam histórias que envolvem personagens passando por desafios semelhantes aos que os clientes podem enfrentar na vida real. Portanto, o uso de filmes na terapia pode proporcionar oportunidade para os clientes se identificarem com os personagens e explorarem suas próprias experiências.
Expressão Criativa	A cinematerapia também pode envolver atividades criativas, como escrever roteiros, criar cenas ou até mesmo produzir curtas-metragens, de modo que ajude o cliente a expressar suas emoções e pensamentos de maneiras não verbais.

Fonte: Adaptado a partir dos autores Dantzer (2015); Correia e Barbosa (2018); Smieszek (2019).

Para Lima et al. (2020) a ênfase na importância das narrativas e histórias na psicoterapia contribuiu para o reconhecimento do valor das histórias cinematográficas como veículos para a expressão emocional e exploração de questões psicológicas. A ideia de que filmes podem servir como metáforas da vida e explorar questões universais e experiências humanas comuns é uma base fundamental da cinematerapia.

Assim, Arantes e Lopes (2016) percebem os filmes como um recurso de fácil acesso e de custo acessível, além da oportunidade de técnicas e intervenções diversas. Os filmes, permitem abordar temáticas específicas, e estimular a curiosidade de forma leve. Trabalham questões familiares, pessoais, profissionais e conteúdo que são tabus para a sociedade, mas que são importantes para o cotidiano do indivíduo.

Nessa conjuntura, Olivia, Vianna e Lotufo Neto (2018), complementam que a cinematerapia tem o papel, também, de transmitir convicções e valores, pois, no processo de identificação com os filmes e as intervenções posteriormente, tem o objetivo de elaborar questões emocionais e validar sentimentos, além de expandir as percepções de mundo. Entende-se essa metodologia como algo facilitador para conteúdos emocionais na vida do indivíduo, causando dessa forma, um bem estar emocional.

Para indicação do curta-metragem, o terapeuta, é necessário uma maior compreensão do recurso, assim, sugere-se que seja visto mais de uma vez, para que tenha mais de uma perspectiva em relação ao filme. Nesse sentido, ao reproduzir o recurso sugerido, é importante que os responsáveis sejam cientes da abordagem utilizada e da faixa etária indicada (Dantzler, 2015).

Entende-se que cada ser humano tem sua concepção e ideia de mundo, dessa forma, o autor compreende a importância de ter *insights* referentes ao filme, pois este recurso tem a capacidade de reflexões e autodescobertas, além da identificação e estimulação da imaginação. Os recursos produzidos em cinematerapia tem o objetivo de levar a criança em estado de exploração e achados do seu próprio eu.

Cinematerapia e uso de filme na psicoterapia infantil

Acessar o mundo da criança necessita de habilidades específicas, além do olhar acolhedor diante das abordagens. Considera-se o brincar, a criatividade com instrumentos terapêuticos que auxiliam o acesso ao mundo infantil, pois por meio das brincadeiras permite a criança expressar conteúdos internos reprimidos e trabalhar questões emocionais que pesam na vida do paciente (Rocha; Oliveira; Gonçalves, 2016).

Tem-se crianças que apresentam dificuldades em expressar/identificar emoções e sentimentos, comportamentos, contudo, sabe-se que por meio dos filmes é uma forma de trabalhar as identificações com os personagens (Lima et al. 2020). Desta forma, a seleção de um longa-metragem deve ser escolhida de forma específica, e não o filme do momento, pois devem ser estabelecidos os objetivos previstos a serem trabalhados com o paciente, após a sessão de cinematerapia (Smieszek, 2019).

O autor ainda cita sobre uma possível avaliação do recurso e capacidade de compreensão do paciente, se o filme está de acordo com a idade, é de fácil entendimento, se é um passatempo e os assuntos apresentados são semelhantes com as vivências daquele paciente. Dantzler (2015), defende o uso de filmes de super-heróis na psicoterapia infantil, por ter uma linguagem simples e de fácil identificação com as crianças, o que as ajuda a ter uma compreensão mais ampla do problema dos personagens e de si próprio.

Arantes e Lopes (2016) em um de seus trabalhos apresentam técnica em cinematerapia no sentido da psicoeducação com as crianças, abordando temáticas de autocontrole, disciplina, solidão, ansiedade. Utilizaram como instrumento os filmes infantis com personagens característicos dessas temáticas. Em seus estudos, perceberam cortes de cenas relevantes para utilizar não só com um paciente, mas para trabalharem com grupos também.

No livro *“Luz, câmera e ação: filmes na prática clínica infantil”* Cartaxo (2018) enfatiza que a escolha de filmes para uso em contexto clínico deve considerar as queixas comportamentais e os conteúdos relevantes. A autora destaca que o uso de filmes na prática clínica deve estar alinhado com os objetivos terapêuticos e ser apropriado para a idade e o desenvolvimento do indivíduo.

Em contexto que envolvem transtornos, como por exemplo o transtorno depressivo, a utilização de filmes, também é uma escolha assertiva. Portanto, a ludicidade proporcionada por um filme infantil torna o processo de superação de conflitos emocionais muito mais atraente e divertido, de modo que mesmo crianças e

adolescentes deprimidos podem se imaginar em um “felizes para sempre” (Cartaxo, 2018).

Outra temática que pode ser abordada por meio de filmes, é o *bullying*. A utilização da cinematográfica, pode ser uma opção para a compreensão do sofrimento gerado pelo bullying e mesmo para perceber, quando este é o agressor (Santos, 2023).

A respeito do uso prático do filme no paciente com bullying, Santos (2023) destaca que o primeiro passo é mostrar a cena inicial do filme e relacioná-la à situação atual vivida pela criança. O terapeuta pode orientar a discussão utilizando desenhos, encenações, fantoches ou a produção de um cartaz com colagens que representem situações significativas que o paciente vivenciou. O objetivo é destacar as ações e repercussões do bullying. Em seguida, para melhor compreensão do caso, desenvolve-se uma lista com a criança sobre as dificuldades que ela tem enfrentado. Nessa lista, o paciente pode escrever ou desenhar os tipos de agressão que vem sofrendo e as ações dos agressores.

A cinematerapia pode, ainda, trabalhar a reflexão sobre pensamentos e emoções que fazem parte do contexto da vítima; diminuir a autocrítica e a culpabilização; promover conhecimento sobre as ações que envolvem o bullying; identificar e compreender os personagens envolvidos (Santos, 2023).

Para melhor abordagem da cinematerapia com o público infantil, se faz pertinente observar algumas características que fazem dessa técnica necessária; a saber:

Quadro 2 – Aspectos importantes da cinematerapia infantil

OBSERVAÇÃO	DESCRIÇÃO
Seleção de filmes	O terapeuta deve escolher o filme que seja apropriado para a idade e desenvolvimento da criança, levando em consideração temas que refletem na problemática da criança e se alinham aos objetivos terapêuticos. Como por exemplo: filmes animados, educativos ou que apresentem personagens infantis podem ser mais envolventes para as crianças.
Expressão das emoções	As histórias e personagens podem servir como pontos de identificação para as crianças compartilharem seus próprios sentimentos, assim, assistir a filmes pode proporcionar uma maneira segura e indireta de expressar suas emoções.
Inquérito	Após assistir ao filme, o terapeuta pode realizar um inquérito com perguntas para explorar as emoções, os pensamentos e as experiências que a criança teve durante a exibição.
Desenvolvimento de Habilidades	Filmes que abordam temas como amizade, empatia, resolução de conflitos e autoestima podem ser escolhidos para apoiar o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais nas crianças.
Criatividade	A cinematerapia infantil pode envolver atividades criativas, como desenhar, criar histórias ou encenar cenas inspiradas no filme, ajudando as crianças se expressarem de maneira criativa.

Fonte: Adaptado a partir dos autores Correia e Barbosa (2018) e Santos (2023).

O direcionamento do profissional da psicologia aos filmes é um método que compreende as demandas de maneira lúdica e divertida. Possibilita a autopercepção através das identificações e a elaboração de mecanismo de defesa para as problemáticas do dia a dia (Santos, 2023).

De todo modo, entende-se, pelo exposto nesse estudo, que a cinematerapia é uma técnica importante em que são usadas narrativas ficcionais para intervir em problemas psicológicos. Assim, ao observar as histórias dos personagens de livros e filmes, é possível compreender melhor o problema, sua origem e as formas de abordá-lo. Dessa forma, as crianças podem se sentir identificadas com os protagonistas e compreender como podem melhorar a sua própria situação.

Considerações finais

Frente ao que foi pesquisado, inicialmente, entende-se que a psicoterapia infantil é uma forma de tratamento psicológico destinada a crianças e adolescentes para abordar questões emocionais, comportamentais e sociais. É uma importante ferramenta de auxílio à criança, na busca pela compreensão de lidar melhor com seus sentimentos, desenvolver habilidades emocionais e sociais saudáveis, além de superar desafios específicos que podem estar impactando seu bem-estar mental.

Em relação ao objetivo desse estudo de compreender a possibilidade do uso da cinematerapia na psicoterapia infantil, no decorrer desse estudo, salientou-se que esse método não substitui abordagens terapêuticas tradicionais, mas pode ser uma ferramenta complementar. Além disso, é necessário levar em consideração que nem todos os filmes são apropriados para todas as crianças, e a seleção de filmes deve ser cuidadosa, levando em conta as especificidades de cada caso.

Deve salientar que a cinematerapia pode ser adaptada a diferentes estilos terapêuticos e necessidades individuais, pois oferece diversas possibilidades na escolha de filmes, abordagens, discussão e atividades relacionadas. Ademais, conclui-se que a prática da cinematerapia é vantajosa, uma vez que a capacidade de se identificar com personagens em filmes permite que as crianças explorem questões pessoais de uma maneira mais indireta. A identificação com personagens pode facilitar a discussão de experiências próprias. Portanto, recomenda-se a importância de estudos que utilizem da cinematerapia como recurso no atendimento clínico com crianças.

Referências

ARANTES, Carolina Faria; LOPES, Renata Ferrarez Fernandes. **Cinematerapia: Uma proposta psicoeducativa baseada na Terapia do Esquema**. *Mudanças Psicologia da Saúde*, 24(1), 45-53; 2016.

BONANÇA, Rita de Cássia Segantini. **“Tudo sobre minha mãe”: a obra de ficção como sujeito na pesquisa em psicanálise**. In: LEITE, Nina V. de Araujo; VORCARO, Angela. (Orgs.). *Giros da transmissão em Psicanálise: instituição, clínica e arte*. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2009, p. 99-106.

BRITO, Rosa Ângela Cortez et al. **A psicoterapia infantil no setting clínico: uma revisão sistemática de literatura**. Contextos Clínic., São Leopoldo, v.13, n. 2, p. 696-721, ago. 2020.

CARTAXO, Vanina. **Luz, câmera e ação: filmes na prática clínica infantil**. 1º ed. Editora: Sinopsys, 2018.

CORREIA, Ana Filipa; BARBOSA, Sofia. **Cinema, aesthetics and narrative: Cinema as therapy in substance use disorders**. The Arts in Psychotherapy, v. 60, p. 63-71, set 2018.

DANTZLER, J. Z. **How the Marvel cinematic universe represents our quality world: Na integration of Reality Therapy/Choice Theory and Cinema Therapy**. Journal of Creativity in Mental Health, 10(4), 471-487; 2015.

DELUCA, Victoria; ANTONIUTTI, Camila Bosse Paiva; BOFF, Natália; LANDENBERGER, Thaís; ARGIMON, Irani Iracema de Lima; OLIVEIRA, Margareth da Silva. **A presença de sintomas psicopatológicos em crianças e responsáveis que procuram psicoterapia infantil**. Aletheia v.51, n.1-2, p.68-79, jan./dez. 2018.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; RODRIGUES, Ana Lucilia. **Cinema e Psicanálise: Volume 3 filmes que curam**. Versos, 2015.

LIMA, Camila Ferreira et al. Cinematerapia como proposta de intervenção: uma revisão sistemática. **ANALECTA-Centro Universitário Academia**, v. 5, n. 5, 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ANL/article/viewFile/2366/1585>

KLINGER, Ellen Fernanda et al. O brincar como recurso de promoção à saúde em psicoterapia. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 10, n. 1, p. 145-155, 2020. Disponível em: <https://periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2200>

OLIVIA, Vitor Hugo Sambati; VIANNA, Andréa; LOTUFO NETO, Francisco. **Cinematerapia como intervenção psicoterápica: características, aplicações e identificação de técnicas cognitivo-comportamentais**. Rev. psiquiatr. Clín. São Paulo, v. 37, n. 3, p. 138-144, 2018.

PEREIRA, Fabrícia Espíndola; SAIS, Elenice de Freitas; CASTRO, Amanda; LADSLAU, Jamile Rosa. **A psicoterapia infantil na visão psicodramática: a criança em cena**. Revista Inova Saúde, Criciúma, vol. 10, n. 1, fev. 2020.

RAMIRES, Vera Regina Rohnelt; CARVALHO, Cibele; GASTAUD, Marina Bento; OLIVEIRA, Luiz Ronaldo Freitas de; GODINHO, Lucia Belina Rech. **Mudanças na psicoterapia psicodinâmica na visão de pais e mães**. Avances en Psicología Latinoamericana, 37(1),29-46; 2019.

ROCHA, V. V. S; OLIVEIRA, M. C. F. A de; GONÇALVES, F. F. G. **O uso de filmes como estratégia terapêutica na prática clínica.** Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. XVIII, n. 1, p. 22-30, 2016.

SANTOS, Clara. **Cinematerapia no manejo clínico do bullying.** 2023. Disponível em: <https://www.sinopsyseditora.com.br/blog/cinematerapia-no-manejo-clinico-do-bullying-680>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SILVA, Julia Montazzolli; REIS, Maria Elizabeth Barreto Tavares dos. **Psicoterapia psicanalítica infantil: O lugar dos pais.** Temas em Psicologia, 25(1),235-250; 2017.

SMIESZEK, M. **Cinematheapy as a part of the education and therapy of people with intelectual disabilities, mental disorders and as a tool for personal development.** International Research Journal for Quality in Education, 6(1), 30-34; 2019.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.